

CNBB critica Lula e espera o papa

O Partido dos Trabalhadores contou com a simpatia dos católicos, principalmente das comunidades eclesiais de base, para chegar ao poder no Brasil, mas parece estar perdendo esse crédito. Em visita à Alemanha para participar do lançamento da Ação Adveniat 2005, o presidente da Conferência Nacional dos Bispos no Brasil (CNBB), cardeal Geraldo Majella Agnelo, disse que os escândalos de corrupção abalaram a confiança no governo Lula, do qual cobrou mais reformas sociais. O arcebispo de Salvador da Bahia falou das expectativas em relação à primeira visita do papa alemão Bento 16 ao Brasil, prevista para 2007.

ENTREVISTA: GERALDO HOFFMANN E DR. UWE KAESTNER*

Tópicos: O governo Lula falhou na área social?

Dom Geraldo: Ele tem explicado que era preciso fortalecer a economia, para depois fazer reformas sociais. Nós bispos achamos que a prioridade devem ser as reformas sociais. Temos problemas que vêm de longa data, como a reforma agrária, que gera tantas dificuldades no campo e nas cidades, que se tornam sempre mais cheias. É urgente a situação das pessoas que vivem abaixo da linha da pobreza e que representam um terço da população do Brasil. O governo Lula deu uma Bolsa Família em torno de 80 reais por mês, mas é preferível que dê emprego.

Qual é a solução para combater a fome no Brasil?

É promoção, não assistência. Porque dar uma bolsa a um desempregado é um estímulo para que ele permaneça só recebendo e não fazendo esforço, não trabalhando.

O programa Bolsa Família ainda tem futuro, depois dos escândalos de corrupção?

A corrupção no meio político é muito grande. As grandes acusações deste ano atingiram todos os partidos, especialmente o PT

do presidente Lula. A grande expectativa e confiança que o povo tinha no governo Lula está abalada. Ele pessoalmente ainda tem uma grande aceitação, mas a eleição só será em outubro de 2006. Se vai por este caminho, a reeleição será difícil também para ele.

A CNBB apóia a reeleição de Lula e vai indicá-lo como candidato preferido aos seus fiéis?

Nós não indicamos ninguém. Se no tempo da ditadura no Brasil a CNBB foi muito independente e era a única que falava num período em que não se podia falar, agora, nos governos democráticos ou que estão a caminho da democracia, estamos dispostos a dar todo nosso apoio ao que é bom. Mas o que é contra a moral e a ética, evidentemente não podemos aceitar. Nós discutiremos nossas reivindicações com o presidente Lula e seus ministros, muitos dos quais têm bons contatos conosco.

O senhor acredita que Lula é completamente inocente, que ele realmente não sabia dos casos de corrupção em seu governo?

Eu acredito que ele pessoalmente não é uma pessoa corrupta. Agora, eu acho que ele, como presidente, deveria acompanhar



Dom Geraldo Majella Agnelo

muito de perto e estar sempre atento aos seus ministros, para que não houvesse corrupção no seu governo.

Os escândalos de corrupção e, além disso, a proposta de descriminalização do aborto, abalaram as relações aparentemente amistosas entre a Igreja Católica e o governo Lula?

Isso tudo complica as relações com o atual governo. Há setores do governo que promovem um tratamento aéctico, como é o caso da proposta de descriminalização do aborto desde a concepção até o último dia de gestação. Nós queremos que o governo Lula cumpra sua promessa de não descriminalizar o aborto e que, em vez disso, promova um programa pela vida.

* Parte desta entrevista foi publicada em dezembro de 2005 pelo site www.dw-world.de/brazil, do qual a revista *Tópicos* é parceira.

Em 2007, o papa Bento 16 deve visitar o Brasil. O que a CNBB pretende colocar na agenda dessa visita?

Nós já tínhamos convidado o Santo Padre para o Congresso Eucarístico de 2006 em Florianópolis, Santa Catarina. O papa respondeu que ainda não tem um programa de grandes viagens para esse ano que está entrando, mas que queria visitar o Brasil. Por outro lado, estávamos esperando há tempo a convocação da 5ª Conferência dos Bispos Latino-americanos, o que já tinha recebido um sinal positivo de João Paulo 2º. O novo papa convocou essa conferência e confirmou sua presença. Ele conhece nossa situação, que acompanha com interesse. Confiamos que ele nos dê uma visão, uma reflexão. Temos esperança de que será uma visita muito proveitosa para nós e para o Brasil.

Há algum assunto que preocupa especialmente o papa em relação à Igreja brasileira?

Não, ele acompanha e aprova manifestadamente o nosso projeto nacional de evangelização.

A Igreja Católica preocupa-se com a situação social e prega a opção pelos pobres, mas no Brasil os pobres preferem cada vez mais as igrejas evangélicas. Por que acontece isso?

Não só a Igreja Católica, mas também as igrejas de confissão luterana estão perdendo seus fiéis. É que a religião está se tornando um bem de consumo. Deus é visto como um quebra-galho. Quase todas as orações destinam-se a pedir alguma coisa em vista de um problema, digamos, temporal. Uma constatação que se faz é que uma pessoa que hoje está



Dom Geraldo em contato com fiéis

numa seita já passou por três, quatro outras seitas. Porque as seitas não oferecem um código de verdades para a fé, mas promessas.

Diz-se que todo padre brasileiro conhece duas palavras em alemão: Adveniat e Misereor. A Igreja Católica brasileira consegue sobreviver sem ajuda externa? Por que ela não adota um sistema de contribuições como fazem as igrejas evangélicas?

Nós estamos preocupados com a situação financeira. Pelas ações da Adveniat, Misereor, Renovabis e outras entidades, sabemos que o povo alemão, mais do que qualquer outro, é um povo solidário. Mas as necessidades, se diminuem num país, aumentam em outro. Além disso, a fé se restringe cada vez mais, o número de fiéis diminui. Então essas ajudas tendem a diminuir. Estamos colocando em prática há quatro anos um projeto de evangelização. Da parte do resultado financeiro, ele ainda não apresenta o resultado desejado. Se todos os nossos católicos dessem um real por pessoa, teríamos recursos suficientes para

manter as nossas obras. Estamos trabalhando nesse sentido, mas isso vai levar tempo.

Pode-se estender essa questão da ajuda externa também ao país. Até quando o Brasil continuará se apresentando como campeão de exportações com ambições políticas internacionais, ao mesmo tempo em que pede esmola às agências da ajuda ao desenvolvimento?

Veja, nossa situação é de um terço da população abaixo da linha da pobreza, o que é comum em toda a América Latina. Nós temos um caminho a ser feito. No meu modo de pensar, e essa é a opinião dos bispos também, temos problemas urgentes a serem resolvidos: primeiro, gerar empregos – não cabides de emprego –, mas trabalho para que cada um ganhe a vida com o suor de seu rosto; segundo, melhorar o acesso e a qualidade da educação; e, terceiro, investir mais em saúde, não para remediar, e sim para prevenir. Somente então poderemos fazer um trabalho rápido de construção de tudo que ainda não foi feito no país. ■